

# Representações Sociais e a Filosofia da Ciência: Crença em Realismo Ontológico como Objetivação \*

John T. Jost

(Yale University, EUA)

JOST, J. T. Representações Sociais e a Filosofia da Ciência: Crença em Realismo Ontológico como Objetivação. Tradução para uso escolar: Claudia Helena Azevedo Alvarenga. *Papers on Social Representations/Textes sur les représentations sociales*, v. 1 (2- 3), p. 116-124, 1992. Título original: Social Representations and the Philosophy of Science: Belief in Ontological Realism as Objectification.

**Resumo:** Há tempos o trabalho de autoria de Moscovici e colegas a respeito da teoria das representações sociais é considerado relevante para a filosofia e a sociologia da ciência, embora poucos estudos realmente explorem a relação interdisciplinar em detalhes. Argumenta-se aqui que o conceito moscoviciano de objetivação sustenta uma similaridade estreita com a noção de realismo ontológico da filosofia da ciência e que a teoria das representações sociais conduz à predição interessante, mas contraintuitiva, de que as pessoas leigas estão mais propensas a sustentar posições de realismo ontológico sobre entidades e teorias científicas do que os especialistas (cientistas). Num esforço de aplicar a teoria das representações sociais a questões da filosofia da ciência, são oferecidas seis hipóteses para o conhecimento científico da psicologia social.

*Uma ciência da realidade, portanto, torna-se uma ciência na realidade.... neste estágio sua evolução se torna um caso de psicologia social.*<sup>1</sup> --Moscovici, 1961, p.19

*Embora a força do compromisso de um grupo varie, com consequências não triviais, ao longo do espectro, dos modelos heurísticos aos ontológicos, todos os modelos têm funções similares. Entre outras coisas, eles suprem o grupo com as analogias e as metáforas preferíveis ou permissíveis.* --Kuhn, 1962, p. 184

Enquanto os debates acerca do realismo filosófico e científico entusiasmaram violentamente durante séculos, é uma noção relativamente recente de que o realismo ontológico (por exemplo, a crença que a autoestima realmente existe, ou *quarks* são reais) resulta, quase epifenomenalmente, de uma representação de um processo linguístico. Talvez o filósofo Ludwig Wittgenstein (1953, 1967, 1980) estivesse entre os primeiros a enfatizar o papel poderoso desempenhado pelas práticas linguísticas (ou jogos de linguagem) na construção da realidade. No campo da psicologia social, Wittgenstein argumentou que o realismo mental (a crença de que pensar, por exemplo, é um processo psicológico interno 'real') emerge preponderantemente como resultado da gramática de nossos conceitos psicológicos. Em resumo, Wittgenstein proclamou que nossas maneiras de falar sobre a mente conduziu-nos a inventar um mundo que contém entidades e processos mentais.

Moscovici & Hewstone (1983), embora mais genericamente, fizeram uma sugestão quase idêntica nas suas revisões da noção de psicossociologia das "representações sociais". Eles escreveram que:

---

\* Gostaria de agradecer a William J. McGuire pelos úteis comentários numa versão anterior deste manuscrito. Original publicado em *Papers on Social Representations/Textes sur les représentations sociales*, v. 1 (2- 3), 116-124, 1992. Traduzido por Claudia Helena Alvarenga, Fevereiro de 2011, para uso escolar.

<sup>1</sup> Esta passagem é traduzida do francês por Farr (1984), p. 129.

Representação tem uma propensão a produzir qualidades e forças que correspondem a ideias e palavras -- expressas secamente, para dar vida ontológica a algo que não é mais do que um 'ser' lógico, até mesmo verbal (p. 112).

Neste breve *paper*, argumento que uma consequência empírica fascinante e contraintuitiva da teoria das representações sociais de Moscovici é que as pessoas leigas estão mais propensas a serem realistas ontológicas sobre os conceitos e teorias de um determinado domínio científico que os próprios especialistas (cientistas).

### TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOSCOVICI

Em vários livros e artigos que abarcam trinta anos (isto é, Moscovici, 1961/1976, 1973, 1981, 1982, 1984, 1988; Moscovici & Hewstone, 1983; Farr & Moscovici, 1984), Moscovici e colegas buscaram desenvolver uma teoria das 'representações sociais' que é uma reformulação psicológica do conceito durkheimiano de 'representações coletivas' (Moscovici, 1981, pp. 184-5; 1984, pp. 16-19; cf. Farr, 1984). A teoria, como exposta, é capaz de substituir atitudes e cognições sociais como o conceito unificado de psicologia social (Moscovici, 1982). Enquanto Moscovici, em nenhum momento, oferece uma definição precisa de representações sociais, ele indica que estas são para serem pensadas como:

sistemas de valores, ideias e práticas com uma função dupla: primeiro, estabelecer uma ordem que vai capacitar os indivíduos a se orientarem internamente e a dominar seu mundo material e, segundo, facilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade fornecendo um código para nomear e classificar os vários aspectos do seu mundo, seus indivíduos e história do grupo (1973, p. xiii).

Jahoda (1988; veja também Rätty & Snellman, 1992) ressaltou que o trabalho de Moscovici contém imprecisão conceitual acerca do termo 'representações sociais', como é utilizado para se referir a tudo desde os processos cognitivos do indivíduo aos sistemas ideológicos da sociedade (Moscovici, 1961/1976, 1981, 1984). Foi sugerido que a aparente ambiguidade do conceito se deve, pelo menos em parte, ao fato de que afirmações centrais da teoria foram escritas num período de vinte e cinco anos (Parker, 1989), embora McGuire (1986) argumente que há uma ambiguidade inerente no uso que os psicólogos fazem do termo 'social', mesmo longe de sua conexão com a palavra 'representações'.

Algumas das mais claras afirmações da teoria das representações sociais, e a área da pesquisa que mais se mostrou produtiva, considera as representações que o público tem da ciência. A questão norteadora desta pesquisa é: "O que ocorre com uma disciplina científica quando passa dos especialistas para a sociedade?" (Moscovici & Hewstone, 1983, p. 99). O primeiro, e possivelmente mais conhecido, esforço de Moscovici (1961/1976) lidava com a difusão da linguagem psicanalítica na cultura popular. A observação empírica confirmou que o uso de conceitos científicos foram transformados, uma vez que a teoria de Freud tornou-se representada socialmente.

Filósofos, como Larry Laudan (1977) reconheceram a importância de trazer questões empíricas que incluem o domínio da psicologia social para sustentar a história e a filosofia da ciência. Laudan cunhou o termo 'sociologia cognitiva da ciência' para o estudo da ciência e do conhecimento que é "predicada na existência de correlações

determinadas entre o *background* social de um cientista e as crenças específicas sobre o mundo físico que ele (ou ela) apoiam” (1977, p. 217). Ao mesmo tempo, entretanto, Laudan lamentou o fato de que existem poucos estudos que fazem essas conexões de maneira bem sucedida. Argumenta-se aqui que o trabalho de Moscovici sobre representações sociais pode contribuir para os objetivos de uma sociologia cognitiva da ciência ou o que poderia ser chamado de “psicologia social do conhecimento científico” (por exemplo, Gholson et al., 1989). Este uso da teoria de Moscovici parece ser justificado, pois “desde seu começo, a noção de representação social foi concebida com vistas a estudar como o jogo da ciência faz parte do jogo do senso comum” (Moscovici & Hewstone, 1983, p. 101). Farr (1984) nota na sua revisão de literatura em representações sociais que “(a) ligação aqui com estudos em sociologia do conhecimento é óbvia” (pp. 129-30), embora, como Potter & Billig (1992, p. 17) e Ibañez (1992, p. 25) observaram recentemente, é uma ligação que até o momento não foi explorada. Antes de introduzir questões inoportunas sobre filosofia e sociologia da ciência, volto-me, agora, para o conceito de objetivação de Moscovici, em que argumento que este proporciona uma maneira proveitosa de entendimento das crenças científicas no ‘realismo ontológico’.

### O FENÔMENO DA OBJETIVAÇÃO

De acordo com Moscovici & Hewstone (1983), existem três grandes ‘processos de transformação’ por meio dos quais o conhecimento científico torna-se parte do senso comum: personificação, figuração e ontologização. Eu deverei abordar, exclusivamente, o terceiro deles, que é a tendência de parte das pessoas leigas de ‘objetivar’ ou ‘reificar’ teorias e conceitos científicos (Moscovici, 1981, 1984). O resultado desta malha é uma “‘ontologização’ das relações lógicas e empíricas” (Moscovici & Hewstone, 1983, p. 112). Os autores têm em mente uma transformação psicossocial do uso puramente representacional ou metafórico de certas teorias e conceitos, feitos por cientistas, em objetos concretos que estão imbuídos de realidade ontológica. Por realidade ontológica, quero dizer simplesmente que eles são assumidos como existentes, como parte do ‘mobiliário’ físico e mental do mundo (por exemplo, Putnam, 1982). Em outras palavras, a natureza metafórica dos conceitos é modificada. Por exemplo, Moscovici escreve que:

Neste ponto, o conceito ou entidade do qual parece emanar é separado do seu caráter abstrato e arbitrário e parece estar dotado de uma existência autônoma, quase física. (1981, p. 200).

O desfecho desta mudança sociocognitiva é que amadores tenderão a alterar as metáforas científicas dos especialistas. A crença resultante por parte do amador, portanto, é que conceitos e entidades teóricos têm uma existência física, real.

Para a pergunta, por que esta transformação ocorre, Moscovici dá, pelo menos, duas respostas. Primeiro, ele argumenta que, para o leigo, a transformação alegada supre a função psicológica de reduzir a incerteza e aumentar a familiaridade com as forças abstratas do mundo físico e social (Moscovici, 1981, esp. pp. 190-2). O processo é aquele em que o não familiar é feito para parecer familiar:

Objetivação preenche o conceito de não familiar com realidade, transformando-o num edifício de blocos de realidade propriamente dito (Moscovici, 1981, p. 198).

Assim, a objetivação dos conceitos científicos é mencionada por ajudar o público a desmistificar a natureza abstrata e filosófica da teorização científica. Ao transformar teoria em realidade, o leigo também consegue reduzir os aspectos imprevisíveis de seu ambiente. A explicação de Moscovici sobre o fenômeno da objetivação em termos da redução da incerteza o situa justamente dentro de uma tradição de teorização psicossocial que deve, especialmente, ao trabalho de Festinger.

A segunda explicação de Moscovici para a ocorrência da objetivação, no entanto, é algo menos convencional. Ele apresenta o fenômeno da objetivação como se fosse um artefato inevitável da gramática representacional propriamente dita, escrevendo que, “Palavras fazem mais do que representar coisas; elas criam coisas e passam suas propriedades para elas” (1981, p. 202). Dessa maneira, as crenças ontológicas podem aparecer quase que automaticamente a partir da linguagem. Moscovici acrescenta que estas “representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós como uma força irresistível” (1984, p. 9). Seu alvo, eu penso, é que os esquemas representacionais são poderosamente capazes de determinar a estrutura do pensamento e da crença.

Ao ligar crenças ontológicas ou crenças sobre a realidade às origens gramaticais ou representacionais, Moscovici se coloca numa posição que é muito similar a de Wittgenstein (1953, 1967, 1980) mais tardiamente, que frisou que nós devemos nos abster de inventar entidades físicas e mentais para acompanhar nossa linguagem de expressão psicológica e, em vez disso, “rejeitar a gramática que tenta se impor sobre nós” (1953, ¶? 304). Para os propósitos presentes, a sugestão principal é que a gramática das teorias científicas pode conduzir os amadores a acreditar na existência de entidades que, para os cientistas, atendem predominantemente a propósitos heurísticos. Em outras palavras, a linguagem dos cientistas é assumida como referência a objetos físicos reais. Moscovici escreve que:

Quando isto acontece, imagens ocupam não mais a posição peculiar entre palavras, que se supõem que tenham um significado, e objetos reais, para os quais somente nós podemos dar um significado, mas existem como objetos, são o que significam (Moscovici, 1984, p. 40).

O fenômeno da objetivação, então, aparece quando os modelos heurísticos dos cientistas são tomados por certo na significação de objetos que realmente existem no mundo. Pelo menos, isto é moderadamente similar à observação de Wittgenstein de que nós, frequentemente, inferimos, com base nos jogos que jogamos com a linguagem, os fatos sobre a realidade dos referentes em nossos termos. Entretanto, uma diferença importante entre Moscovici e Wittgenstein é que Moscovici subentende que o uso dos conceitos científicos feitos pelo leigo é distorcido e empobrecido em relação ao dos especialistas, enquanto Wittgenstein enfatiza o grau em que os *'especialistas'* filosóficos confundem linguagem ordinária e metafísica.

### A CRENÇA NO REALISMO ONTOLÓGICO

Moscovici começa ambas de suas afirmações centrais a partir do fenômeno da objetivação com um exemplo da história da ciência, relatando a anotação do físico inglês Maxwell que, o que parece abstrato para uma geração se torna concreto para a próxima (1981, p. 198; 1984, p. 37). Moscovici vai além, ao afirmar que é a objetivação das representações sociais que conta para tal processo. Ele até sugere que: “Nós deveríamos, de fato, aprimorar a afirmação de Maxwell, acrescentando que, o que é não familiar e

não percebido em uma geração se torna familiar e óbvio na próxima” (1984, p. 37). De qualquer jeito, parece claro que a objetivação para Moscovici envolve crenças ontológicas, ou crenças sobre a realidade, como as que os cientistas sustentam. O processo de objetivação, portanto, corresponde à adoção das crenças científicas no realismo ontológico.

Considero que para Moscovici o aspecto essencial da tendência em direção à objetivação envolve:

transformar uma abstração em algo quase físico, traduzir algo que existe em nossos pensamentos em algo que existe na ‘natureza’ (Moscovici, 1981, p. 192).

O conceito de objetivação, então, refere-se amplamente à construção de crenças ontológicas. É um processo em que “*figuras são transpostas para elementos da realidade*” (1981, p. 200). Quando o conceito de objetivação é aplicado a crenças sobre a ciência, como Moscovici pretende, a crença emergente em “algo que existe na ‘natureza’” é equivalente a uma crença em realismo científico, ou nos termos de Fraassen (1976), uma ‘atitude epistêmica’ que é consonante com realismo.

Roy Bhaskar (1978), um dos principais proponentes do realismo na filosofia da ciência, observou a natureza representacional da descrição científica e explorou as consequências deste fato social para as crenças ‘ontológicas’ dos cientistas. Ele escreve que:

O cientista procura descrever os mecanismos geradores dos fenômenos; mas os resultados de sua atividade pertencem ao mundo social da ciência, não ao mundo intransitivo das coisas. Isto significa que está errado falar da explicação de eventos, descrição de mecanismos etc, dada pelos cientistas? Não: vale lembrar que o que é explicado em um episódio concreto científico é sempre o evento conhecido sob uma descrição particular. Não significa que o evento é, ou que nós devemos pensá-lo como se tivesse sido, sua descrição. Em oposição, a independência ontológica do evento é uma condição da inteligibilidade de sua descrição (p. 190, ênfase acrescentada).

A hipótese moscoviciana, penso, coloca quase que o oposto. Afirma que os cientistas podem refinar as suas descrições dos mecanismos sem pressupor a existência real dos seus conceitos ou entidades teóricas. A ‘independência ontológica’ ocorre somente mais tarde, quando intrusos amadores confundem a ‘fala representacional’ com a ‘fala ontológica’. Crenças no realismo ontológico aparecem, não fora da necessidade filosófica e científica, mas fora das tendências sociocognitivas em direção à objetivação.

Em outras palavras, objetivação é o processo que conduz alguém para o “realismo ontológico” que foi definido da seguinte maneira:

Realismo ontológico, com respeito às entidades teóricas, é a tese que, pelo menos, algumas das entidades descritas pelas teorias científicas têm existência real, no mesmo sentido preciso de objetos físicos (Greenwood, 1989, p. 38).

Definida dessa maneira, a crença no realismo ontológico é bastante próxima à noção de Moscovici de objetivação, que é a tendência de reforçar entidades teóricas “com uma existência autônoma, quase física” (1981, p. 200), de assumir que estas “existem como objetos” (1984, p. 40), e de concender-lhes “vida ontológica” (Moscovici & Hewstone, 1983, p. 112). A objetivação ocorre quando as entidades teóricas são transformadas em coisas reais. O conceito de Moscovici de objetivação, quando aplicado

aos domínios científicos, é quase um sinônimo da atitude epistêmica conhecida como 'realismo ontológico' pelos filósofos da ciência.

Uma consequência um tanto surpreendente da teoria das representações sociais de Moscovici, então, é que *amadores devem ser mais propensos a serem realistas ontológicos sobre as entidades teóricas que os cientistas profissionais*. Esta é uma afirmação surpreendente porque contradiz as suposições comuns com o propósito de que cientistas profissionais são, em grande parte, realistas sobre suas teorias e conceitos, e os céticos, filósofos e pessoas do povo são os mais propensos a adotarem posições instrumentalistas. Do ponto de vista da filosofia da ciência, é uma predição contraintuitiva que a crença no realismo ontológico deva ser mais proeminente entre os leigos que os *experts*.

Sem utilizar o termo 'realismo ontológico', Moscovici e colegas fizeram essa predição. Por exemplo, Moscovici & Hewstone (1983) afirmaram que enquanto os físicos podem "hesitar na sua crença na realidade dos fenômenos materiais como 'comprimentos de ondas', 'partículas', 'campos' e 'buracos negros'" (p. 112), essa precaução se perdia quando estas representações eram compartilhadas pelo público geral. Os autores também citaram como exemplo da objetivação da ciência, a popularização da pesquisa sobre lateralidade cerebral, o resultado disso é a 'ontologização' do cérebro: "não somente os conteúdos de cada hemisfério foram diferenciados, mas o cérebro único foi substituído por dois" (p. 114). Em ambos os casos, os especialistas são vistos como que falando figurativamente, simplesmente empregando suas "analogias e metáforas preferidas" (Kuhn, 1962, p. 184, citado acima), enquanto os amadores transformam as teorias em afirmações sobre objetos físicos reais. Crença no realismo ontológico, nesta visão, emerge de uma tendência psicossocial em direção à objetivação.

#### ALGUMAS HIPÓTESES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DA CRENÇA NA CIÊNCIA

A suposição teórica mais básica do tratamento de Moscovici para objetivação é que os sujeitos 'intrusos' estão mais propensos a acreditar na realidade física dos constructos científicos que os cientistas, propriamente ditos. A partir desta noção, podem ser derivadas uma quantidade de hipóteses relacionadas para a psicologia social. Comparando as atitudes epistêmicas dos cientistas e não cientistas sobre duas disciplinas científicas (por exemplo, física e psicologia), seria possível determinar se existem diferenças nas atitudes em direção ao realismo ontológico dos fenômenos como uma função do domínio científico (se está na área do indivíduo especializado ou não). Uma vez que "os cientistas profissionais são quase sempre cientistas amadores fora dos campos de suas especializações" (Moscovici & Hewstone, 1983), seria possível comparar as atitudes dos professores (e alunos graduandos) de cada uma das disciplinas - por exemplo, psicólogos poderiam representar as pessoas leigas para o domínio científico dos físicos, enquanto os físicos poderiam atuar como o grupo de controle amador para os domínios da psicologia. A hipótese básica de Moscovici é que os desempenhos ontológicos serão mais altos quando um cientista for chamado a fazer julgamentos sobre um campo em que ele ou ela não é um especialista. A seguir, devo propor seis hipóteses para a ciência da psicologia social fundamentadas no conceito de Moscovici de objetivação.

#### I. HIPÓTESE GERAL:

Os cientistas estão menos propensos a considerar a realidade física de constructos teóricos em sua própria área de especialização do que em outras áreas. Presumivelmente, porque o especialista, diferentemente do leigo, aprecia a qualidade heurística de suas representações. Uma consequência empírica desta visão é que os físicos estão mais propensos a serem 'realistas' sobre entidades e teorias psicológicas que os psicólogos, enquanto psicólogos estão mais propensos a serem 'realistas' sobre entidades e teorias da física que os próprios físicos. A crença no realismo ontológico pode, em hipótese, manifestar-se de, pelo menos, duas maneiras específicas, como são descritas em II e III.

## II. PROBABILIDADE AVALIADA DE OS CONCEITOS TEÓRICOS REFERIREM-SE ÀS ENTIDADES REAIS

Visto que os sujeitos são realistas ontológicos acerca dos fenômenos científicos, eles deveriam julgar a possibilidade de que os conceitos teóricos referirem-se a entidades físicas, reais que são mais prováveis. Uma questão de exemplo para o domínio dos físicos poderia ser: "Admitindo como verdadeiro que muitos e vários fenômenos se comportam como se a matéria fosse feita de moléculas, qual a probabilidade que a matéria seja realmente feita de moléculas?" (Miller, 1987, p. 355). A segunda hipótese é que *os cientistas considerarão a probabilidade de que seus constructos teóricos refiram-se a entidades reais mais profundas em sua área de especialização do que em outras.*

## III. A FORÇA DA CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA DE AFIRMAÇÕES ONTOLÓGICAS:

A crença no realismo ontológico é também esperada de se manifestar em endossos mais fortes de afirmações que fazem suposições ontológicas, ou suposições sobre existência. Os sujeitos poderiam ser perguntados para indicar seus graus de concordância em várias proposições ontológicas, tais como: "O hemisfério esquerdo do cérebro controla o conhecimento analítico e verbal, enquanto o cérebro direito é o alicerce do conhecimento perceptivo e global" (Moscovici & Hewstone, 1983, p. 114). Os realistas científicos, presumivelmente, expressariam mais concordância com tais afirmações. Portanto, a terceira hipótese é que *os cientistas concordarão menos (ou discordarão mais) de suposições ontológicas em sua própria área de especialização do que em outras.*

## IV. A HIPÓTESE DESCRITIVISTA:

Não intimamente relacionadas ao realismo ontológico *per se*, mas possivelmente diagnóstico da objetivação, são as atitudes epistêmicas acerca da questão familiar (pelo menos desde Dilthey) da filosofia da ciência – descrição versus explanação. A hipótese vigente é que *cientistas estão mais propensos a ver suas teorias como descritivas, enquanto os não cientistas estão mais propensos a concebê-las como que servindo a uma função explanatória.* Moscovici & Hewstone (1983) explicitamente fazem esta afirmação, observando que há uma "passagem quase automática da descrição para a explanação" (p. 113) na popularização da ciência.

## V. A FÉ NA HIPÓTESE DA PROGRESSÃO

A consideração principal da filosofia da ciência pós kuhniana é em que grau um conhecimento científico é acumulativo ou progressivo. As respostas dos 'céticos' ou 'relativistas' ou 'anarquistas' ou 'construtivistas sociais' para esta questão são que, as diferentes teorias científicas são aceitas amplamente, em épocas diferentes, por causa das forças sociais e políticas que as tornam atraentes para a comunidade atual de cientistas (por exemplo, Barnes & Bloor, 1982; Collins, 1983; Feyerabend, 1975, 1978). De acordo com essas visões, as teorias substituem umas as outras não porque sejam mais verdadeiras ou realistas, mas porque são mais persuasivas para uma comunidade determinada (por exemplo, Knorr-Cetina & Mulkay, 1983; Latour, 1987). O Relativismo, frequentemente, foi rejeitado pelos proponentes do realismo, que declaram que a ciência progride mesmo, e que as teorias que se sucedem são melhores que as anteriores primariamente nas bases racionais. Assim, em geral, o realismo científico deveria estar associado à crença de que as teorias são progressivas, ou de que as teorias sucessoras são melhores que as anteriores (puramente) sobre bases científicas.

A hipótese presente é que *cientistas serão mais prudentes, céticos e menos propensos a considerar que as teorias que sucedem são mais verdadeiras que as antecessoras, considerando que os não cientistas perceberão mais certeza, consenso e progresso*. Moscovici & Hewstone (1983), por exemplo, escrevem que "as pessoas leigas tendem a superestimar a certeza e a consistência da ciência" (p. 113). A fé dos sujeitos no progresso científico pode ser medida perguntando que indiquem se concordam ou discordam de itens, tais como: "Os mecanismos de Einstein requerem que a forma de um corpo é uma função de sua velocidade e isto desaprova a afirmação newtoniana" (Worral, 1977). Espera-se que os realistas científicos (e amadores) ofereçam uma sustentação vasta para itens deste tipo.

## VI. A HIPÓTESE DA SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Todas as relações empíricas acima são concebidas como produtos de ligação da experiência profissional e socialização, e elas deveriam, portanto, ser crescentemente mediadas de tal modo que *se esperasse que alunos graduandos e cientistas novos em suas carreiras se comportassem mais como não especialistas, isto é, exibissem mais sinais da objetivação tais como, a crença no realismo ontológico, fé no progresso, e o uso explanatório das teorias do que os alunos graduandos avançados e cientistas profissionais*. Como o indivíduo está sujeito a processos de socialização profissional, é previsto, que ele ou ela evitará cada vez mais o realismo ontológico e as considerações progressivas, enquanto utilizar teorias científicas (em seu domínio) descritivamente e metaforicamente.

## SUMÁRIO

Foram propostos seis postulados para a psicologia social das crenças científicas. Do conceito de objetivação de Moscovici em que "figuras são transpostas para elementos da realidade" (1981, p. 200), uma quantidade de suposições podem ser geradas sobre o conceito do público sobre representações sociais. Mais importante, as pessoas leigas são vistas como mais propensas, em relação aos cientistas profissionais, a sustentar crenças científicas que estão em consonância com o realismo ontológico. Se



comprovada, essa hipótese poderia contradizer muitas suposições atuais sobre as atitudes epistêmicas dos profissionais das ciências.

## REFERÊNCIAS

- Barnes, B., & Bloor, D. (1982). Relativism, rationalism, and the sociology of knowledge. In M. Hollis & S. Lukes (eds.) *Rationality and relativism*. Oxford: Basil Blackwell.
- Bhaskar, R. (1978). *A realist theory of science*. Sussex: Harvester Press.
- Collins, H.M. (1983). The sociology of scientific knowledge: Studies of contemporary science. *Annual Review of Sociology*, 9, pp. 265-285.
- Farr, R.M. (1984). Social representations: their role in the design and execution of laboratory experiments. In R.M. Farr and S. Moscovici (eds.) *Social representations*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Farr, R.M., & Moscovici, S. (1984). *Social representations*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Feyerabend, P.K. (1975). *Against method*. London: New Left Books.
- Feyerabend, P.K. (1978). *Science in a free society*. London: New Left Books.
- Gholson, B., & Shadish, W., Neimeyer, R., & Houts, A. (1989). *Psychology of science: Contributions to metascience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Greenwood, J.D. (1989). *Explanation and experiment in social psychological science*. New York: Springer-Verlag.
- Ibañez, T. (1992). Some critical comments about the theory of social representations -- discussion of Rätty & Snellman. *Ongoing production on social representations*, v. 1, no. 1, pp. 21-26.
- Jahoda, G. (1988). Critical notes and reflections on 'social representations'. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, pp. 195-209.
- Knorr-Cetina, K.D., & Mulkay, M. (1983). Introduction: Emerging principles in social studies of science. In M. Mulkay and K.D. Knorr-Cetina (eds.) *Science observed*. London: Sage.
- Kuhn, T.S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B. (1987). *Science in action*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Laudan, L. (1977). *Progress and its problems: Towards a theory of scientific growth*. Berkeley: University of California Press.
- McGuire, W.J. (1986). The vicissitudes of attitudes and similar representational constructs in twentieth century psychology. *European Journal of Social Psychology*, v. 16, pp. 89-130.
- Miller, R.W. (1987). *Fact and method*. Princeton: Princeton University Press.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: P.U.F.
- Moscovici, S. (1973). Foreward. In C. Herzlich *Health & illness: A social psychological analysis*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. Forgas (ed.) *Social cognition*. Academic Press: London.
- Moscovici, S. (1982). The coming era of representations. In J.-P. Codol, and J.-P. Leyens (eds.) *Cognitive analysis of social behaviour*. Nijhoff: The Hague.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R.M. Farr and S. Moscovici (eds.) *Social Representations*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, pp. 211-250.
- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1983). Social representations and social explanations: From the 'naive' to the 'amateur' scientist. In M. Hewstone (ed.) *Attribution theory: Social and functional extensions*. Blackwell: Oxford.
- Parker, I. (1989). *The crisis in modern psychology and how to end it*. London: Routledge.
- Potter, J., & Billig, M. (1992). Re-representing representations -- discussion of Rätty & Snellman. *Ongoing production on social representations*, v. 1, no. 1, pp. 15-20.
- Punam, H. (1982). Three kinds of scientific realism. *Philosophical Quarterly*, v. 32, no. 129, pp. 195-200.
- Rätty, H., & Snellman, L. (1992). Making the unfamiliar familiar -- some notes on the criticisms of the theory of social representations. *Ongoing production on social representations*, v. 1, no. 1, pp. 3-13.
- van Fraassen, B.C. (1976). To save the phenomena. *Journal of Philosophy*, v. 73, No. 18.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations* (trans. by G.E.M. Anscombe). New York: Macmillan.
- Wittgenstein, L. (1967). *Zettel* (trans. by G.E.M. Anscombe). Berkeley: University of California Press.
- Wittgenstein, L. (1980). *Remarks on the philosophy of psychology* (trans. by G.E.M. Anscombe). Chicago: The University of Chicago Press.
- Worral, J. (1977). Review of Feyerabend's 'Against Method'. *Erkenntnis*, pp. 243-97.